

Sopro de Luz
Denise Mattar

Nos caminhos da forma percorridos por Mary Carmen Matias ao longo das últimas duas décadas, sempre houve uma mesma pulsação interna: a procura por transformar a rigidez da matéria em acolhimento, e fazer do peso uma linguagem de afeto. Seu gesto escultórico, voltado ao metal, ao mármore e à pedra, é marcado por essa operação silenciosa de transfiguração: onde haveria dureza, ela propõe movimento; onde haveria silêncio, ela escuta a vibração íntima das formas.

Na exposição Sopro de Luz, Mary Carmen, sem romper com suas propostas anteriores, adentra um novo território matérico - o vidro. É um passo ousado e coerente: depois de dar leveza ao aço, e calor ao mármore, ela busca agora inserir o etéreo na solidez, o sopro vital na matéria bruta. O vidro, com sua transparência e fragilidade, não surge aqui como oposição ao metal, mas como parceria, num dueto de tensões e fusões. O brilho do vidro não apaga a densidade do aço — ele o percorre, o inunda, o transforma.

A mostra se organiza em conjuntos escultóricos, cada um deles tensionando as possibilidades expressivas da matéria em diálogo. Um diálogo muitas vezes difícil, delicado e perigoso. No primeiro grupo, bulbos incandescentes de vidro soprado são inseridos entre fitas ou tubos de metal. Para que o vidro não se rompa, o metal precisa ser aquecido, e é no calor compartilhado que se dá o enlace. A obra nasce do risco e do cuidado, do encontro calibrado entre temperatura e forma. A relação entre os materiais não é assim, apenas técnica, ela é também simbólica. Um abraço térmico que se transforma em escultura.

Em outro conjunto, a artista inverte o gesto: é a massa de vidro que se derrama sobre o metal. O resultado é uma sobreposição entre superfícies, entre estados físicos: o vidro retém o gesto líquido mesmo depois de solidificado, como se o tempo da fusão ainda permanecesse inscrito em sua textura. Aqui, Mary se debruça sobre as tensões entre o permanente e o transitório, entre a memória do movimento e a forma final.

Um outro grupo aprofunda a ideia de interioridade: fios metálicos são inseridos dentro do bulbo de vidro, que por sua vez é novamente abraçado pelo metal. Há algo de orgânico nessas peças: como se o interior e o exterior fossem dissolvidos, e a escultura se tornasse um organismo com veias, pele e sopro. O vidro torna-se víscera translúcida, e o metal, paradoxalmente, torna-se proteção.

E há, ainda a série em que a pedra se une ao vidro. O contraste é imediato: a densidade opaca da rocha versus a leveza translúcida do vidro. Mas mesmo aqui, onde os materiais mais se opõem, há um pacto de convivência. Mary Carmen Matias revela a beleza do contraste: o modo como volumes distintos podem coexistir, como luz e sombra se tocam sem se anular. A pedra não aprisiona o

vidro, nem o vidro dissolve a pedra — ambos sustentam o equilíbrio entre peso e luminosidade, entre presença e passagem.

A escultura de Mary Carmen nunca foi apenas forma: é sempre também relação. Relação com o espaço, com o tempo, com o corpo que a contempla. Em Sopro de Luz, esse princípio relacional se expande, agora atravessado pela luz. O vidro, em suas muitas possibilidades - massa incandescente, superfície líquida congelada, bolha translúcida, véu luminoso - é o novo campo de experimentação da artista. Mas não é apenas uma troca de material: é uma continuidade daquilo que sempre foi seu desejo estético mais profundo — fazer da escultura uma morada do sensível.

Nessa nova fase, Mary Carmen Matias alcança algo raro: fazer o vidro parecer matéria viva e o metal parecer gesto. O que ela nos oferece é escultura em estado de respiração, matéria que brilha sem excessos, forma que se curva sem submissão, presença que acende o olhar e sussurra silêncio.